

trama de uma extensão sentipensante

ricardo bragança pinheiro tammela¹

resumo

Esta narração nasce de desassossegos que emergem do ser extensionista em um Centro Universitário, no município de Petrópolis, Rio de Janeiro. No encontro com gentes das classes populares, se evidenciou um jeito próprio de fazer extensão. Uma extensão fundamentada em uma prática dialógica, que se coloca à deriva no caminho, se expõe ao encontro e às mudanças que acontecem em decorrência das interações. Uma extensão que se compromete com essas gentes, na transformação do mundo. O exercício investigativo foi delineado metodologicamente como uma pesquisa com o cotidiano. O diálogo e a escuta são procedimentos que potencializam suas reflexões, tecidas por meio de registros de campo combinando a razão e o amor, o corpo e o coração, atuando a partir do diálogo amoroso, buscando o que poderia se chamar uma extensão sentipensante. Aposta no paradigma indiciário proposto por Ginzburg para captar pistas e indícios presentes nas vozes, nos gestos e nos silêncios das gentes da pesquisa. Com esse trabalho, se aprendeu que é possível uma extensão comprometida, amorosa e libertadora, que atue nas frestas desse modelo hegemônico de universidade, que subalterniza, exclui e provoca apagamentos de saberes, experiências e histórias.

palavras-chave

Educação popular. Extensão universitária. Extensão sentipensante.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil; professor, extensionista, pesquisador e coordenador da área de extensão da Unifase - Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: ricardo.tammela@gmail.com.

a web of the sentipensante (feeling-thinking) extension

ricardo bragança pinheiro tammela²

abstract

This narration is born from the restlessness that emerges from being an extensionist in a University Center, in the city of Petrópolis, State of Rio de Janeiro, Brazil. In the meeting with people from the popular classes, a unique way of doing extension was evident. An extension based on a dialogical practice, which drifts along the path, exposes itself to the encounter and the changes that occur as a result of interactions. An extension that is committed to these people, in the transformation of the world. The investigative exercise was methodologically outlined as research with everyday life. Dialogue and listening are procedures that enhance their reflections woven through field records combining reason and love, body and heart, acting from loving dialogue, seeking what could be called a sentipensante (feeling-thinking) extension. It bets on the evidence paradigm proposed by Ginzburg to capture clues and indications present in the voices, gestures, and silences of the research people. With this work, it was learned that a committed, loving, and liberating extension is possible, which acts in the cracks of this hegemonic university model, which subordinates, excludes, and causes erasures of knowledge, experiences, and histories.

keywords

Popular education. University extension. Sentipensante (feeling-thinking) extension.

² Master in Education, Catholic University of Petrópolis, State of Rio de Janeiro, Brazil; professor, extensionist, researcher and coordinator of the extension area, Unifase – Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, Rio de Janeiro, Brazil. E-mail: ricardo.tammela@gmail.com.

trama de uma extensão sentipensante

“Mas de verdade, tô sentindo falta daquela ansiedade com o Vale e, no final, ficar feliz” (Rafaella Folhadella - extensionista).

“[...] é muito emocionante mesmo; para mim, é revolucionário e é uma ferramenta para vida, essa mágica da improvisação, que é a mágica da escuta, é a mágica da atenção, de você entender o que o outro está pedindo sem que ele diga. Acho que esse é o grande segredo da improvisação e que pode ser também o grande segredo da vida, não é?! A escuta, a escuta é revolucionária [...]” (Gregório Duvivier).

advertência... ou essas palavras que vêm antes

“Prepare o seu coração
Pras coisas qu’eu vou contar”
(Geraldo Vandré).

Esta narração é um artigo, um artigo de uma trama. Antes que comece a leitura dele, é importante que eu faça algumas advertências.

A memória falha e não me lembro das advertências que recebi quando ainda era menino, mas devo ter recebido algumas, pois era conhecido como diabo loiro. Advertência tem o peso de repreensão, de chamada de atenção. Em minha época da escola, levar advertência na caderneta era prenúncio do medo de chegar em casa e ficar de castigo. No trabalho, uma advertência é o que vem antes de uma demissão – essa nunca recebi. Mas se escovarmos a palavra, o que fica é um aviso: “olha, se vocês forem seguir por aqui, vocês vão encontrar...”. É isso o que pretendo fazer antes que iniciem a leitura desta trama.

Uma trama não binária: a linguagem é viva e é um retrato do mundo em que vivemos. A linguagem é também uma construção e pode expressar um modelo de dominação. Em nosso caso, vivemos esse modelo de sociedade colonial, patriarcal, branca, cristã, monolíngüística – que nega outras tantas mais de 100 línguas faladas no Brasil. Mas a linguagem é também resistência e construção de novos jeitos de interpretar e falar o mundo, e tem uma constelação de movimentos e de gentes que lutam por um mundo com mais boniteza, que têm a linguagem (não só falada) como instrumento de expressão. Nesta narração, tento incorporar a linguagem não binária em palavras que denotam gênero – “a”, “o” e “e”. Em muitas partes, também por uma preocupação com a estética, optei por usar “gentes” ou alguma outra palavra que possa acolher todes. As citações de autoras e de autores e as vozes de poetisas e escritoras e escritoras que trago são datadas e optei por reproduzi-las na íntegra. “En fin, la cuestión del lenguaje en

esta obra entra en el terreno de las incertidumbres, pero con una clara intención inclusiva” (Algava, 2022, p. 19).

Nesses caminhos de fazer extensão e de ser um pesquisador com os cotidianos, fui dialogando com muita gente e algumas dessas gentes me falaram que eu precisava cuidar da leitora e do leitor, cuidar para que não se sentissem perdidos ao ler a narração dessa trama que venho contar. É que a gente vai puxando um fio de pensamento do coração, ajeitando as palavras, tecendo as ideias e achamos que se o texto faz sentido para nós, também fará sentido para todos.

Um dia, quando esses pensamentos ainda eram muitos desassossegos e o texto vinha nascendo, uma amiga disse: “ao ler o texto, em alguns momentos, me senti desamparada” (Tammela, [diário de sentimentos de campo – fala de alguém que leu], 2022, não publicado).

“Aos pouquinhos, é que a gente abre os olhos; achei, de per mim”
(Guimarães Rosa)

Essas palavras que vêm antes têm a função de cuidar, de estender a mão, de ajudar para que “o texto seja devidamente compreendido e tenha significados para os/as leitores/as, caso contrário poderá ficar um exercício individual, que pouco se conecta com outras produções e vivências” (Tammela, [diário de sentimentos de campo – fala de alguém que leu], 2023, não publicado).

“Mire veja:”
(Guimarães Rosa).

Ao longo do artigo, vamos conversar sobre uma experiência em extensão universitária. É de entendimento comum que extensão universitária é uma dimensão da formação universitária, assim como ensino e pesquisa, e essas três dimensões são indissociáveis. Ainda, extensão é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, e é a área da universidade que vai dialogar com a sociedade em uma interação transformadora (Nogueira, 2013). Nesse entendimento, estabeleceu-se uma metodologia, uma prática que nega à uma parcela grande da sociedade (que são todas essas gentes que a modernidade, com sua ideia de desenvolvimento, abandona pelo caminho) a história, os saberes, a autonomia e a cosmogonia de cada um, afirmando como única verdade aquela que vem da universidade.

A experiência que venho contar para conversarmos atua na fresta desse entendimento e risca outros caminhos de se fazer extensão. É uma experiência que dialoga com outras experiências e pensamentos que também acontecem nas frestas do sistema e riscam caminhos para o *buen vivir*, “um caminho alternativo, oposto ao conceito de acumulação perpétua, que busca a harmonia com a Natureza, a reciprocidade e a solidariedade entre os indivíduos e comunidades” (Jacques, 2020, p. 106).

A estética desta trama: a forma potencializa o texto, abre outras frestas de interpretação e de composição. No tecer da trama, o texto vai ganhando vida e vai buscando sua estrutura.

“Não quero a boa razão das coisas
Quero o feitiço das palavras”
(Manoel de Barros).

Ainda que precisemos estar atentos às normas estabelecidas, negar ao texto algumas formas de expressão arrisca privá-lo de sua força. Por isso, me arrisco em algumas transgressões, para apresentar uma outra forma de narrar a experiência como algo que me acontece e não como uma informação. A narração aqui apresentada não “está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório” (Benjamin, 1987, p. 205).

Sem querer estragar qualquer curiosidade, adianto alguns caminhos que optei na construção desta narração: inspirado em bell hooks, que assinava seu nome em letras minúsculas, pois dizia que “o mais importante em meus livros é a substância e não quem eu sou” (Santana, 2009), os títulos do artigo e de suas partes, assim como o nome do autor, estão em minúsculo; ao longo da narração, trago algumas falas de poetas, que vão receber uma formatação diferente do conjunto do texto e é como se somente a poesia pudesse expressar o sentido que se quer dar ao que se está narrando; vão perceber também que alguns trechos estão escritos entre colchetes – []. São narrações de experiências que me aconteceram e que criam o movimento desse sentipensar que vai se tecendo nessa trama, na trama de uma extensão sentipensante.

O narrador na trama e a experiência: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada por outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Benjamin, 1987, p. 201).

“Hem? Hem?
O que mais penso, testo e explico”
(Guimarães Rosa).

Benjamin (1987) também nos fala que, todos os dias, no mundo, acontecem muitas coisas, mas nada disso nos acontece e vivemos uma pobreza de experiências. Esse é um outro ponto importante na trama que vai se formando no decorrer da leitura. Eu venho contar uma experiência e, para Larrosa (2002), experiência é o que nos acontece, o que nos passa, o que nos afeta, e o saber que vem da experiência é muito diferente do saber coisas ou saber de coisas.

Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu (Larrosa, 2002, p. 22).

Pegando esse fio de linha, o que venho contar é uma experiência que me acontece e que me afeta. Ela começa quando me exponho como extensionista em um bairro de classes populares

da cidade de Petrópolis e me coloco a pesquisar outros modos de fazer extensão e que faz do caminhar à deriva pelas suas ruas e servidões, dialogando com as gentes que encontra e recolhendo pistas e sinais, uma metodologia.

Pensar a experiência com Larrosa e Benjamin me ajuda a lhe falar sobre o jeito autoral de contar essa experiência por meio deste artigo, que traz uma escrita que “subverte, de alguma maneira, a escrita metódica científica, o que está coerente com sua discussão. É um texto reflexivo e poético” (Tammela, [*diário de sentimentos de campo* – fala de alguém que leu], 2023, não publicado). A experiência é única, ela me acontece e, se você estivesse comigo nessa experiência, ela aconteceria diferente com você. O saber que vem da experiência é um saber que está em mim, tem relação com a minha existência, com minha vida singular, e o conhecimento “somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)” (Larrosa, 2002, p. 27). Não conseguiria lhe contar como fui afetado pela experiência se optasse por uma escrita metódica científica. Conseguiria, de certo, lhe informar os conhecimentos teóricos que sustentam a reflexão e a crítica a esse modo de fazer extensão a que nos colocamos em oposição. Não pretendo, com esta narração, portanto, “transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila” (Benjamin, 1987, p. 10).

“Se eu estou falando às flautas, o senhor me corte.

Meu modo é este”

(Guimarães Rosa).

Quando estou caminhando nas ruas e servidões do Vale do Carangola, vivo o cotidiano das gentes que encontro, com quem, amorosamente, dialogo. São essas gentes que vão cardando os fios vinculares que tecem a trama desta narração. Quando me exponho aos encontros com essas gentes, sou parte do que está sendo narrado, e a experiência que me acontece, me afeta e afeta todas as gentes. Por essa condição, foi difícil escrever esta narração na primeira pessoa do singular, pois falamos de uma trama tecida por vários fios e cada fio são muitas vozes e todas essas vozes se manifestam e percorrem as calas da urdidura, formando esse tecido de bonitezas que viemos contar. Assim, quando conto sobre a experiência e reflito sobre ela, uso a primeira pessoa do singular. Quando dialogamos com a experiência, usamos a primeira pessoa no plural. Para terminar esta advertência, queremos dizer que esta narração tem quatro partes, que não se constituem isoladas, mas entrelaçadas, tecidas, fazendo parte da trama dessa experiência que

queremos contar: na primeira parte, “preparando a urdidura”, vamos situar um pouco sobre o Vale do Carangola, nosso campo de pesquisa e como começamos nessa experiência; na segunda parte, “trama”, vamos falar desse enredo, sobre a pesquisa e nossa metodologia; na terceira parte, “trama que ‘cega os nós’”, vamos levantar algumas questões sobre a extensão universitária e esse jeito colonial de fazer extensão, ainda presente em grande parte das universidades brasileiras; e, na quarta parte, “trama de uma extensão sentipensante”, vamos contar sobre esse jeito sentipensante de fazer extensão e nosso esperar.

preparando a urdidura

[Paro o carro um pouco depois do prédio do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), um prédio amarelo laranja grande, de dois andares. A placa indicativa de que ali é um equipamento público está muito danificada e mal se identifica qualquer palavra. Na placa há o nome do prédio, que se chama Pablo Luis da Silva Stephano, e é uma homenagem a um jovem morador. Ele era barbeiro na comunidade e morreu em um acidente de moto quando tinha 19 anos. Para homenageá-lo, Ângela³ colocou o nome dele no prédio. Mas, no estado atual da placa, não se consegue ler o nome; Pablo não é personagem de histórias oficiais.

Essa rua é uma das principais do Vale do Carangola e desce cortando o bairro todo pela direita quando você chega, dando acesso à BR 040. Pela esquerda, tem outra rua que desce, cortando uma outra parte do bairro, a parte marcada por mais ausências.

Ângela está sentada na beira da calçada, na entrada da servidão onde mora. Quando chego, ela se levanta e me recebe com um abraço. Outras mulheres e crianças também estão ali, conversando sobre as questões do bairro que atravessam suas vidas. Sou recebido por todas e entro na conversa, escutando].

O Vale do Carangola é um bairro das classes populares. Ângela fala que tem mais de 7.000 gentes morando ali, mas oficialmente são 4.133 pessoas ativas cadastradas no e-SUS. O lugar tem uma história bonita, de quando fazia parte de uma fazenda e se chamava Saudades do Sertão. Com as chuvas de 1988, começou a receber refugiadas dos eventos extremos de chuva, que castigam as gentes das classes populares em Petrópolis. Em um acerto da receita municipal com o dono da fazenda, o lugar passou a ser do município para fins de assentamento das gentes que vinham das chuvas⁴ e ficou conhecido como Sertão do Carangola. Nessa época, começou

³ Ângela é uma liderança comunitária e já estive na Associação de Moradores algumas vezes, mas hoje não está mais.

⁴ Hoje, chamamos essas gentes de refugiadas do clima, e Petrópolis tem muita gente nessa condição.

também uma narrativa de que o bairro era muito violento e, em 2010, em uma tentativa de mudar essa imagem, lideranças comunitárias fizeram um plebiscito e mudaram o nome para Vale do Carangola, porque o bairro fica em um vale entre as montanhas.

O Vale do Carangola fica a 20 minutos de carro (se o trânsito estiver livre), saindo do Centro. Se for de bicicleta, serão 40 minutos. Se for de ônibus, bem... se tiver sorte do ônibus não quebrar ou estar regular em seus horários (fatos do cotidiano), pode ser que leve uns 30 minutos. O bairro faz divisa com um condomínio de elite, o Quinta do Lago. Do alto da estrada de acesso, é possível ver as construções que se espalham pelo vale e o muro que separa o Vale do Carangola do condomínio, que tenta ficar escondido dentro da mata. Se pudéssemos, como os pássaros, olhar do alto, sentiríamos vergonha pela desigualdade – uma área de uma casa no condomínio deve equivaler à área de, pelo menos, dez casas do Vale do Carangola.

A primeira vez que chegamos ao Vale do Carangola foi em 2014. Fomos conhecendo a comunidade pelo que as pessoas dos espaços públicos – escola, posto de saúde e CRAS – nos contavam. Mas isso gerava um estranhamento entre o que a gente ouvia e o que a gente sentia. Soltamos os equipamentos e fomos conhecendo o bairro pelas gentes que moravam lá. Começamos a caminhar e a conversar e a caminhar e a conversar e quando veio a pandemia de COVID-19, vieram também vínculos mais fortes, mais comprometidos com as lutas dessa gente. Foi quando o Vale do Carangola passou a ser um campo de pesquisa em extensão comunitária, uma pesquisa sobre outro jeito de fazer extensão, uma extensão sentipensante. Foi com essa experiência que escrevi minha dissertação de mestrado “nos caminhos de uma extensão sentipensante” (Tammela, 2022). Este artigo é uma trama dessa trama maior, que vamos tecendo com fios de sentipensar, fios que vamos cardando com os encontros que nos acontecem com as gentes do Vale do Carangola.

[O tempo escorrega ligeiro, junto com as conversas que acontecem na beira da calçada. Ângela se levanta e pergunta por onde vamos caminhar. Eu digo para ela escolher e depois de pensar e acender um cigarro, ela escolhe descer pela sua servidão. Vamos começar mais uma caminhada pelas ruas do Vale do Carangola, estamos começando mais um cardar dos fios que vão tecer esta trama].

trama

conjunto dos fios que as tecelãs fazem passar com a lançadeira entre os fios estendidos do urdimento e transversalmente a estes.

conjunto desses fios já tecidos; teia: a trama de um pano.

[literatura] reunião daquilo que constrói uma narrativa ou dos acontecimentos presentes nela; intriga, enredo: a trama de uma tragédia.

[figurado] conjunto emaranhado: a trama dos acontecimentos. (Dicio, 2022).

Os caminhos que faço formam uma trama, a trama de uma experiência extensionista.

A trama de meu pensamento é tecida por fios de diferentes cores, de diferentes texturas, fios de diferentes vozes, fios de diferentes textos, fios fiados em rodas de sentimentos, em rodas de desassossegos...

“a roda que eu fio nela
ô baiana ô ia ia
é só eu que ponho a mão
ô baiana ô ia ia

venha ver as fiandeiras
ô baiana ô ia ia
como tá fiando bom
ô baiana ô ia ia

a roda que eu fio nela
ô baiana ô ia ia
sabe ler, sabe escrever
ô baiana ô ia ia”

(Gercina Maria de Oliveira)

Andava à deriva pelos sertões de Minas Gerais e cheguei em Sagarana, um arraial do município de Arinos. Lá, conheci a dona Nêga – mulher, preta, fiandeira, rezadeira. Enquanto a gente conversava, ela fazia fio, girava a roda da roca e o fio ia existindo em suas mãos enrugadas e gastas. Mas da roda de suas memórias, ela ia fazendo um outro fio e, com esse fio, ela tecia suas histórias e as histórias de outras mulheres fiandeiras. Tinha vez que esse fio, esse que ela fazia da roda de sua memória, desenhava uma pauta musical e dona Nêga cantava. Foi com ela que conheci a música de dona Gercina, que além de mulher, preta, fiandeira, era também compositora, violeira e sertaneja. Ela era uma liderança entre essas mulheres e “foi até na ONU”, dona Nêga conta com orgulho e saudade da antiga companheira – dona Gercina, agora, fia e canta a trama em mundos não terrenos.

No encontro com dona Nêga, outros fios foram se fazendo. Enquanto ela girava a roda da roca e a roda de sua memória, de suas mãos e de seu coração, iam se fazendo fios dentro de mim:

fios vinculares...

Mariano Algava nos conta que “El vínculo amoroso sostiene la vida. El ser con otros y otras, como una necesidad básica de subsistencia, como alimento simbólico. El vínculo es soporte de

la vida, necesitamos para vivir a la red vincular, al grupo humano y a la comunidad”⁵ (Algava, 2022, p. 34). Somos afogados em mensagens que nos falam que todes são outres, que precisamos vencer. Nos falam que se quisermos ter sucesso na vida, precisamos pensar apenas em nós mesmos, pensamentos que funcionam como uma tesoura que corta os fios que nos atam às redes de relações que vamos tecendo desde que nascemos. Em nosso cotidiano, nos tornamos pessoas sozinhas e vamos perdendo o significado de comunidade. Nos últimos anos, o “fique em casa”, necessário durante a pandemia de Covid-19, fez nascer o medo – corpos que não se abraçam, corpos que não se relacionam, corpos que não se falam, corpos que não se sentem... e preferimos o encontro mediado por uma tela. Sem perceber, os vínculos vão ficando difusos e as vidas vão se cobrindo por névoas alimentadas pelo medo – medo do encontro, medo do contágio, medo do sentimento, medo do novo, medo da outra, medo de outre, medo do outro. Mas somos seres vinculares.

Maturana (1999, p. 184) nos conta que o “amor acontece porque acontece, e permanece enquanto permanece”. Os sistemas vivos interagem recorrentemente uns com os outros e em nós, seres humanos, essa recorrência de interações que acontecem espontaneamente, acontece pelo prazer, sem justificativa,

“[...] sem ter porque
nem por razão
ou coisa outra qualquer [...] e explicação nenhuma isso requer se o coração bater forte e arder”
(Nando Reis)

“é o fenômeno da socialização” (Maturana, 1999, p. 183). A socialização, para Boff (2014), é o amor ampliado, que surge na deriva dos encontros. “O amor é fundamento do fenômeno social e não uma consequência dele. Em outras palavras, é o amor que dá origem à sociedade; a sociedade existe porque existe o amor e não ao contrário, como convencionalmente se acredita. Se falta o amor (o fundamento) destrói-se o social” (Boff, 2014, p. 126). Nessa urdidura, vai se tramando o vínculo, que não pode existir sem os encontros e o amor que surgem pela recorrência das interações. É do vínculo e do amor que provém dele que vem a solidariedade, a colaboração, o compromisso com a luta por um mundo mais justo, mais igual, mais bonito. É o vínculo entre as pessoas que faz com que elas se unam e recriem “pela linguagem amorosa o

⁵ “O vínculo amoroso sustenta a vida. Estar com as outras e com os outros, como necessidade básica de subsistência, como alimento simbólico. O vínculo é o suporte da vida, precisamos viver a rede de vínculo, o grupo humano e a comunidade” (Tradução livre).

sentimento de benquerença e de pertença a um mesmo destino e a uma mesma caminhada histórica” (Boff, 2014, p. 127).

A sociedade moderna nega o vínculo, porque ela se sustenta na competição, na exclusão. Ela é inumana e sua história é um cortejo que desfila sobre corpos caídos, torturados, excluídos, sobre histórias apagadas, epistemologias exterminadas, sobre a negação da felicidade e de um futuro para a Terra. A sociedade moderna não nos quer seres vinculares, mas seres consumidores; não nos quer imaginando mundos possíveis, nos quer consumindo mundos (Krenak, 2020). Consumindo tudo o que tem em volta: as florestas, as águas, os animais, os minerais, as pessoas, as energias, as almas, as culturas, as tradições.

Esse fio vincular é um fio novo em minha trama. Sei pouco da tensão, da textura e da narrativa dele... chega tecendo a urdidura dos meus desassossegos, compondo meus cantos e atravessando meu sentipensar. No encontro com dona Nêga, não sentipensava esse fio... ele começa a se fazer pelas mãos e pelo coração da fiandeira, uma ponta ainda, e vai se fazendo pela deriva que vou me guiando. Era desassossego, agora, é desassossego nomeado; hoje, é linha de um sentimento, de um pensamento que se faz no coração, de um sentipensamento.

fios de sentipensar...

“Menino, me ajuda a recolher presente pra gente entregar pras crianças no natal?” (Tammela, [diário de sentimentos de campo – fala de Ângela], 2022, não publicado)⁶. Era julho de 2022 e almoçava na casa de Ângela, mulher preta, liderança comunitária no Vale do Carangola. Ângela não é fiandeira dessas de fazer o fio e tecer nas urdiduras do tear, mas é dessas de tecer histórias e enredos nas urdi-duras-vidas. O Vale do Carangola é um bairro das classes populares do município de Petrópolis (RJ), desses tantos bairros periféricos que às vezes chamamos de comunidade e outras vezes de favela – é no Vale do Carangola [que era Sertão do Carangola e um dia foi Saudades do Sertão⁷] que cardo a matéria com que faço meus *fios de sentipensar* e teço uma outra trama de experiências em extensão universitária, um jeito de fazer extensão por meio das interações que acontecem nas miudezas da vida. Uma extensão que pensa suas ações junto com as gentes das classes populares, através das pistas que vão sendo recolhidas quando

⁶ Essa conversa com Ângela, em julho de 2022, deu início a uma ação extensionista de troca de cartas entre 83 crianças do bairro e pessoas que convidamos para participar. Foram várias cartas trocadas entre agosto e dezembro daquele ano e foi uma ação muito expressiva na perspectiva desse jeito de fazer extensão que estamos pesquisando, uma extensão sentipensante. Foi muito expressiva também no sentido dessa trama vincular que temos pensado. Mas não vamos tratar dessa ação nessa narrativa, vamos escrever outra, quem sabe uma carta, contando dessa experiência que nos aconteceu. Quer receber a carta?

⁷ Conto essa história em minha dissertação “nos caminhos de uma extensão sentipensante”, dialogada com uma banca amorosa, em julho de 2022, quando me tornei mestre em educação.

os encontros com essas gentes acontecem e, por meio desses encontros, o diálogo amoroso, o afeto, a solidariedade na luta por um mundo mais bonito.

Nesse jeito de fazer extensão – que pensa as ações junto com as gentes das classes populares, por meio das pistas que vão sendo recolhidas quando os encontros com essas gentes acontecem e, a partir desses encontros, o diálogo amoroso, o afeto, a solidariedade na luta por um mundo mais bonito –, caminhamos à deriva pelas ruas e servidões do Vale do Carangola e nos expomos aos encontros possíveis, com moradoras e moradores: mulheres, homens, velhos e velhas, crianças, jovens e adultos e adultas, encontro com lugares e objetos, encontro com instantes que acontecem apenas naquele momento em que passamos e que, se voltarmos pelo mesmo caminho, já será outro instante. Em cada encontro, a possibilidade da interação.

bom dia...

boa tarde...

boa noite...

... e se a interação for recorrente, a linguagem... pela palavra, pela expressão, pelo movimento. E quando o encontro acontece com objetos, coisas ou instantes, a interação acontece de forma diferente, acontecem outros tipos de linguagens – a corporal, a sentipensante, ou seja, corpos expressando por meio de palavras, de sentimentos, de gestos e movimentos os contratempos experienciados durante o caminho; corpos que esperam, corpos que respeitam os tempos, corpos que pensam e carregam sentires ligados à natureza e aos ancestrais. Quando caminhamos, vamos apanhando coisas que estão no caminho – cores, sons, impressões, expressões, emoções, formas... apanhamos palavras⁸, pistas e sinais.

Caminhar à deriva não significa ir para qualquer lugar e nem estar perdido. O rumo que seguimos é o rumo possível, determinado pelas condições tempo-espço que nos atravessam e que mudam continuamente. São os sinais de Ginzburg (1989) e o imprevisível que vão abrindo caminhos ou fechando caminhos – o falecimento de uma velha do tempo em que o Vale ainda era Saudades, o movimento das “barcas”,⁹ que provoca ondas de medo, o movimento da “firma”¹⁰, o querer ou o não querer das gentes que são lideranças e que caminham junto com a gente, a saudade do sorriso que gesticula para os céus, de vó Margarida¹¹, a escassez, a conversa miúda e sensível das existências sentadas à beira da calçada.

⁸ A palavra é um elemento importante na reflexão. É uma potência de transformar vidas e mundos.

⁹ Como as gentes do Vale do Carangola chamam essas viaturas grandes e novas da polícia militar.

¹⁰ Como as gentes do Vale do Carangola chamam o movimento do tráfico de drogas.

¹¹ Uma moradora do Vale do Carangola.

Nos encontros com essas gentes, nos colocamos passivos “de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção” (Larrosa, 2002), para ouvir sobre as vidas e angústias deles, além das alegrias e dores. Nos encontros, elas sorriem, choram, silenciam, olham. Elas abraçam, convidam para um café, para uma água, para uma conversa dentro de casa. Nos encontros e nas conversas, nos comprometemos em buscar caminhos que transformem miudezas. Os assuntos das conversas são pistas que, para aceder o caminho, precisamos decifrar, ler as pistas que vamos encontrando (Ginzburg, 1989, p. 152). Os encontros que nos acontecem no percurso podem ser sinais que precisamos interpretar, que guardamos e, depois, nos ajudam a pensar com elas as ações extensionistas que podemos fazer juntas. Pensar uma extensão sentipensante é viver um teatro mágico, é fazer uma extensão comprometida com a liberdade, uma extensão que acontece em colaboração com as gentes que encontramos e com quem dialogamos. É fazer uma extensão que inventa caminhos para em colaboração, unir para a libertação.

“[...] Carda, retorce, estira, asseda, fia,
Doba e entrelaça, na infindável teia”
(Olavo Bilac).

Nessa teia, nos colocamos à deriva no caminho. A experiência e o que nos afeta na experiência e o saber que vem dela são o material com que cardamos nossos fios de sentipensar... as ruas e servidões do Vale do Carangola são a lançadeira¹² que conduz os fios pela urdidura – o cotidiano das gentes do Vale, formando a trama de uma extensão sentipensante.

trama que “cega os nós”¹³

Caminhar à deriva pelas ruas e servidões de qualquer lugar e deixar que o caminho e as interações que acontecem nos encontros (por meio da escuta, do diálogo, das relações que vão se tramando, dos sinais que chegam pelas palavras, pelas cores, pelos cheiros, pelos sons, pelos objetos, pelos afetos, pelos sentimentos, pelos pensamentos e que vamos interpretando) definam nossa ação extensionista, é desvio... é uma extensão que “nos convoca a enfrentar o radical dessa experiência humana, tecida, compartilhada e contínua, que é a responsabilidade com a vida em toda a sua diversidade” (Simas; Rufino, 2019, p. 27). É extensão que atua na fresta de um modelo de universidade colonial, um “modelo de razão monológica e de um modo

¹² Lançadeira: ferramenta que permite transportar o fio da trama de um lado para o outro do tear entre as caladas da urdidura com mais facilidade.

¹³ Expressão inspirada no conto “A infinita fiandeira”, de Mia Couto.

de linguagem que não comunica, pois tem ânsia de silenciamento” (Simas; Rufino, 2019, p. 13).

Em tempos que ainda não se perderam na memória, Paulo Freire disse que a ação extensionista “envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles que a fazem, de ir até a ‘outra parte do mundo’, considerada inferior, para a sua maneira ‘normalizá-la’, para fazê-la mais ou menos semelhante ao seu mundo” (Freire, 1985, p. 14). Era 1969 e o pensador fazia uma crítica à extensão, que, no sentido linguístico da palavra, tem relação significativa com “*transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação etc.*” (Freire, 1985, p. 14, destaque meu). Nesse tempo, o Brasil vivia uma ditadura militar e toda atividade que se propunha trabalhar com a ideia de emancipação e organização popular era classificada como subversiva e duramente reprimida, estudantes e docentes eram caçados e silenciados – era uma trama feita de fios de arame farpado e sangue. As universidades tinham como objetivos apenas o ensino e a pesquisa, enquanto a extensão era um mecanismo em que a universidade estendia às comunidades os resultados de pesquisa e as técnicas aprendidas dentro dos *campi*. A Lei Básica da Reforma Universitária, nº 5.540, de 1968, no artigo 40, previa, ainda, que as universidades teriam que, por meio de atividades de extensão, possibilitar aos estudantes e às estudantes a participação em “programas de melhoria das condições de vida da comunidade e no processo geral do desenvolvimento” (Brasil, 1968). Eram tempos do Projeto Rondon...

O Projeto Rondon foi lançado oficialmente em um evento na Universidade do Estado da Guanabara, em 1966, onde se discutia a questão da educação e segurança nacional. Instituído oficialmente em nível nacional por meio do Decreto nº 62.927, de 23 de junho de 1968, vinculado ao Ministério do Interior, tem seu fundamento filosófico baseado em um decálogo de princípios marcado pelas ideias de desenvolvimento e segurança nacional. Os estudantes são recrutados para as chamadas “Operações Nacionais”, de cunho assistencialista, sem participação das unidades acadêmicas das universidades, constituindo, portanto, ações de extensão desvinculadas das demais atividades acadêmicas – o ensino e a pesquisa (Nogueira, 2013).

Ainda que houvessem críticas a esse modelo antidualógico, assistencialista, tecnicista, hierarquizante e espontaneísta, ele permaneceu sendo a principal referência durante os anos seguintes e, ainda hoje, em certa medida, é o modelo que predomina na maior parte das instituições brasileiras de ensino superior.

Não podemos pensar em extensão sem pensarmos o sistema econômico e social colonialista em que estamos aprisionados e como a universidade serve a esse sistema. Ora, esse modelo de

universidade sustenta uma visão de mundo que nos conduziu ao que somos hoje:

Existe um desejo de que essa condição de consumo da vida se estenda por tempo indeterminado, sem que a máquina de fazer coisas precise ser desligada. O sistema capitalista tem um poder tão grande de cooptação que qualquer porcaria que anuncia vira imediatamente uma mania. Estamos, todos nós, viciados no novo: um carro novo, uma máquina nova, uma roupa nova, alguma coisa nova (Krenak, 2020, p. 61).

Na busca dessa alguma coisa nova, de que nos fala Krenak, pessoas e vínculos também são coisas e as consumimos. Vamos descartando histórias, experiências, saberes, epistemologias, existências, vidas, corpos, sonhos, sentimentos, vínculos, deixando em nosso rastro montanhas de escombros e ruínas que não servem à modernidade (Benjamin, 1987).

Nos orientamos a partir de um paradigma colonial, que norteia (que vem do norte) nossa visão de mundo e nossos modelos de pensamento. O “colonialismo, como espectro de terror, política de morte e desencanto que se concretiza na bestialidade, no abuso, na produção incessante de trauma e humilhação, é um corpo, uma infantaria, uma máquina de guerra que ataca toda e qualquer vibração em outro tom” (Simas; Rufino, 2019, p. 12). Nessa perspectiva, o único conhecimento que importa é o que vem das universidades e instituições afins, que segue uma concepção linear e fragmentada, conhecimento cego às complexidades do cotidiano miúdo das vidas, dos problemas da natureza, da sociedade, da história, das subjetividades humanas. Boaventura de Souza Santos (2005, p. 155) nos fala que

O conhecimento universitário – ou seja, o conhecimento científico produzido nas universidades ou instituições separadas das universidades, mas detentoras do mesmo ethos universitário – foi, ao longo do século XX, um conhecimento predominantemente disciplinar cuja autonomia impôs um processo de produção relativamente descontextualizado em relação às condições do cotidiano das sociedades. Segundo a lógica deste processo, são os investigadores quem determinam os problemas científicos a resolver, define a sua relevância e estabelece as metodologias e os ritmos de pesquisa. É um conhecimento homogêneo e organizacionalmente hierárquico na medida em que agentes que participam na sua produção partilham os mesmos objectivos de produção de conhecimento, têm a mesma formação e a mesma cultura científica e fazem-no segundo hierarquias organizacionais bem definidas. É um conhecimento assente na distinção entre pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico e a autonomia do investigador traduz-se numa certa irresponsabilidade social deste ante os resultados da aplicação do conhecimento. Ainda na lógica deste processo de produção de conhecimento universitário a distinção entre conhecimento científico e outros conhecimentos é absoluta, tal como o é a relação entre ciência e sociedade.

Nessa perspectiva, a universidade brasileira atua no extermínio secular de experiências comunitárias indígenas, negras, faveladas, sertanejas, ribeirinhas, caboclas, das populações das ruas, das florestas, das aldeias, dos quilombos, pescadoras, agricultoras, operárias, reduzindo diferentes compreensões de mundo e de vida a um único modelo epistemológico e a um único tempo, uma única história, a história contada e narrada pelos vencedores, que são os produtores de escassez e violência que pavimentam o “projeto civilizatório tacanho, reducionista e celebrador da barbárie” (Simas; Rufino, 2019, p. 25). *Futucando bem, ainda é bem assim...*

Na lógica de um único conhecimento ou de um conhecimento mais importante do que outro, o que importa é o resultado, a quantidade, a “intervenção”, a sensação de ter feito o “bem”, a arrogância da certeza de fazer diferença na vida de outre. Nesse movimento, a extensão vai cegando os nós, urdindo uma trama antidialógica, dominadora, que pretende conquistar, dividir, manipular e impor uma visão de mundo, uma trama em que as “massas populares não têm que, autenticamente, ‘ad-mirar’ o mundo, denunciá-lo, questioná-lo, transformá-lo para a sua humanização, mas adaptar-se à realidade que serve ao dominador. O quefazer deste não pode, por isto mesmo, ser dialógico” (Freire, 2020, p. 170). Uma trama de nós cegos...

Extensão Transmissão
Extensão Sujeito ativo (o que estende)
Extensão Conteúdo (que é escolhido por quem estende)
Extensão Recipiente (do conteúdo)
Extensão Entrega (de algo que é levado por um sujeito que se encontra “atrás do muro” àqueles que se encontram “além do muro”, “fora do muro”. Daí que se fale em atividades extra-muros)
Extensão Messianismo (por parte de quem estende)
Extensão Superioridade (do conteúdo de quem entrega)
Extensão Inferioridade (dos que recebem)
Extensão Mecanicismo (na ação de quem estende)
Extensão Invasão cultural (através do conteúdo levado, que reflete a visão do mundo daqueles que levam, que se superpõe à daqueles que passivamente recebem) (Freire, 1985, p. 12).

Futucando bem, ainda é bem assim... “una ciência hija de la conquista con 530 años de fragmentación, simplicidad y violencia epistémica”¹⁴ (Algava, 2022, p. 43).

¹⁴ “Uma ciência filha da conquista, com 530 anos de fragmentação, simplicidade e violência epistêmica” (Tradução livre).

trama de uma extensão sentipensante

A gente ainda vivia os dias de pandemia, mas a vacinação para a Covid-19 já acontecia e a maioria das extensionistas já havia tomado a primeira dose da vacina e aguardava o tempo da segunda dose. Foi uma ação em saúde da criança e aconteceu em um sábado de agosto, mobilizando quase 60 extensionistas, entre professoras, professores e alunes. A ação aconteceu na Escola Municipal Lucia de Almeida Braga, no Vale do Carangola. Uma escola de educação básica, com turmas de educação infantil e primeiro segmento do ensino fundamental. Para quem vem do centro de Petrópolis, a escola fica logo na entrada do bairro, à esquerda. A ação foi costurada com as equipes da Unidade de Saúde da Família e da Secretaria Municipal de Saúde, do Centro de Referência em Assistência Social e da Escola. Começou na sexta-feira anterior, quando fomos, extensionistas, moradoras e equipe de saúde da unidade, para a escola organizar os espaços. Transformamos as salas de aula em consultórios e, por causa da pandemia, para não gerar aglomeração, pensamos como seria o fluxo dos atendimentos. Eram quatro consultórios pediátricos, nove consultórios odontológicos e um consultório para avaliação nutricional básica. A ação aconteceu durante todo o dia e foram atendidas 59 crianças de 0 a 12 anos e mobilizou cerca de 80 pessoas, entre extensionistas e outras equipes. A família chegava na entrada da escola um pouco antes da hora agendada, mediam a temperatura e, mesmo que estivessem com máscara, recebiam outra máscara. Passavam pela avaliação nutricional, depois pela consulta pediátrica. Se estivessem com a vacina atrasada, vacinavam; enfrentavam a consulta odontológica e, depois, conversavam com a assistência social, para conferir cadastro nos diferentes programas sociais].

Contando assim, fora de contexto, talvez pareça que estamos narrando uma ação extensionista clássica das universidades brasileiras... e é mesmo, acontece assim muito, por esse Brasil grande e profundo.

E o que tem de diferente?

É claro que a ação em si, de cuidado com a saúde das crianças, foi muito importante. Mas o que importa nesta trama é o processo do sentir, do ouvir, do conversar, do pensar, do laborar, do colaborar a ação. Ela aconteceu em um sábado de agosto de 2021, mas as primeiras pistas começaram a ser recolhidas no ano anterior, quando nós, extensionistas, caminhávamos à deriva pelas ruas e servidões do Vale do Carangola, encontrando as outras gentes e escutamos, conversamos, cuidamos, criamos vínculos.

Já existia a pandemia e a escola havia fechado as portas, a unidade de saúde havia restringido os atendimentos, as agentes comunitárias não caminhavam mais no bairro e já fazia mais de

ano que não tinha médico no posto. O CRAS também havia restringido os atendimentos, e as pessoas que tinham trabalho perderam os empregos e foi aumentando a quantidade de pessoas que passavam fome e que não conseguiam ir ao médico ou ter acesso à assistência social.

Ao ouvir Ângela...

“quando entrou a pandemia, eu juntei umas 12 pessoas aqui do Vale para ajudar quem precisava, mas nenhuma podia. Vim pra casa pensando... ‘ai, meu deus, como eu vou fazer?’. Sentei lá em cima na rua, acendi um cigarro e fiquei pensando em quem poderia me ajudar. Foi quando veio a ideia na cabeça do Ricardo, da UNIFASE, e então eu liguei para ele e ele veio e conversamos e ajudamos as pessoas aqui do Vale” (Tammela, [*Diário de Sentimentos de Campo* - Relato de Ângela, liderança comunitária], 2020, não publicado).

... foi possível perceber que carregava tristeza no coração ao ver suas gentes do Vale do Carangola passando fome por causa da pandemia e dos equipamentos públicos que não tinham políticas públicas para cuidar e proteger essas pessoas. Ângela sempre ajudou suas gentes do Vale do Carangola, conseguindo algumas cestas básicas aqui, outras ali, às vezes tirando de seus próprios suprimentos ou ajudando com algum trocado para comprar um pão, arroz ou algo pouco. Ângela é dessas mulheres guerreiras desde que nasce. Mulher de fala forte e direta, não é de fala para ninar os da casa grande e sim para incomodá-los nos sonos injustos. Ângela é refugiada do clima, “veio da barreira”, como ela mesmo fala: “Eu posso falar, porque eu já perdi minha casa na barreira, é uma dor que nunca passa”. Ângela carrega uma amorosidade que tem “um componente político, militante, guerreiro. Ela exige luta, compromisso, ousadia” (Kohan, 2019, p. 134). Nas palavras de Ângela, “a minha comunidade, eu vou sempre defender”.

Quando Ângela percebe o desafio de ajudar sua gente como um problema, como uma situação-limite e traz para si a tarefa de inventar caminhos para enfrentá-lo, ela rompe com a cultura imposta pela classe dominante de que as situações-limite são determinantes históricos, que sempre foi assim e que “deus assim quer”. O problema que Ângela enfrenta, suas gentes passando fome, com dificuldades de acesso à saúde e assistência é um problema decorrente da política de escassez, que caracteriza o projeto Brasil.

Ângela pode pouco, se for pensar globalmente, e ela sabe disso. Mas como uma liderança comprometida com sua gente, vai buscar caminhos que são suas possibilidades e que Paulo Freire vai chamar de inédito viável, como “algo definido, a cuja concretização se dirigirá sua ação” (Freire, 2020, p. 130). Quando Ângela se senta na calçada carregando “inquietação sadia e boniteza arraigada na condição de ser-se mulher” (Freire, 2021, p. 263) para pensar sobre o

problema de sua gente, está pensando nas possibilidades da utopia, na transformação de si pela transformação do mundo. Nas palavras de Nita Araújo Freire (2021, p. 265),

Os inéditos viáveis, além de serem sonhos coletivos, deverão estar sempre a serviço da coletividade, não tem um fim em si mesmos. São, portanto, sonhos fundamentalmente democráticos a serviço do mais humano que existe em nós seres humanos: assim, nos induzem a criar um novo homem e uma nova mulher para uma nova sociedade: mais justa, menos feia, mais democrática, lembrando Paulo. Portanto, na realidade são as barreiras, as “situações-limite” depois de “percebidas-destacadas”, que permitem o sonho da realização da utopia da humanização, a concretização do SER MAIS e da autêntica Democracia.

Quando todos os equipamentos públicos que deveriam “cuidar” se retiraram ou fecharam, Ângela nos chamou e ficamos presentes, caminhando pelas ruas e servidões do Vale do Carangola e encontrando suas gentes e, nesse caminhar, fomos recolhendo as pistas, os indícios, os sinais, que nos levariam junto com Ângela e outras mulheres do bairro a entender que as pessoas que encontrávamos e com quem conversávamos queriam resolver a fome e queriam atenção básica e cuidado para as crianças.

“Eu sei que o senhor vai discutir”
(Guimarães Rosa).

A trama dos acontecimentos, dos encontros, dos pensamentos do coração, dos abraços, do compromisso expressado pelos diálogos amorosos com as gentes do Vale do Carangola ia cardando as linhas com que teceríamos com muitas mãos tecelãs – mãos de Ângelas, Tamiris, Marias, Inajaras, Lucianas, Fabianas, Anas, Carolinas, Ritas, Cintias, Dilmás, Helenas, Joselanes, Vivianes, Ruths, Adrianas, Camilas, Andrezas, Flávias, Lindinalvas, Zulmiras, Moniques e outras e outras e outras... a ação extensionista em saúde da criança.

“Nem sei explicar estas coisas.
Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor”
(Guimarães Rosa).

A gente cardava fios vinculares. Junto com as gentes do Vale do Carangola, a gente sustentava a vida, lutando e resistindo às situações limites, e o que nos unia eram os vínculos amorosos que estavam acontecendo.

São muitos os fios que vão tecendo essa trama, a trama de um outro jeito de fazer extensão, uma extensão sentipensante. No urdimento dessa trama, o esperar de um mundo, onde “almas antes proibidas simplesmente de falar gritam e cantam; corpos proibidos de pensar discursam e arrebentam as amarras que os prendiam” (Freire, 2013, p. 164). São fios bons que tecem a trama, é trama forte; nós vamos com essas gentes riscar caminhos, fazer uma extensão

comprometida com demitides da vida, uma extensão que constrói vínculos participativos e afetivos com as gentes que encontram no caminho. Uma extensão que combina o coração com a mente, pensando com o coração e sentindo com a mente, como nos fala Fals Borda (2015).

Essa trama que vamos tecendo acontece nos cotidianos das gentes que encontramos nos caminhos – lugar do imprevisível, do miúdo, do estranhamento, do pormenor que revela, lugar do complexo, lugar que está sempre em transformação, lugar vincular, lugar do encantamento, mas também lugar que...

assusta, dá medo, intriga, fascina. Há quem se assuste, há quem fique intrigado, há quem morra de medo e há também os afortunados, eu diria, modestamente, mais afortunadas do que afortunados, que ficam absolutamente fascinadas com o misterioso cotidiano, que vive a nos revelar suas dobras que, ao se desdobrar, deixa aparecer o que estava escondido e que à primeira vista não aparecia (Garcia, 2003, p. 193).

Essa trama que vamos tecendo é a experiência de estar à deriva pelas ruas e servidões, seguindo o rumo possível, a experiência de estar no miúdo do dia da comunidade com quem dialogamos, com a intenção de estar ali e, nesse estar, ir recolhendo, por meio das palavras, dos gestos, os sinais que as gentes vão nos revelando e que vão servir de caminho para alguma ação extensionista que se construa junto com as gentes do lugar. Um estar em movimento, que se faz caminhando pelas ruas e servidões, deixando que o percurso seja riscado pelo caminho e pelo que vai nos acontecendo nele. Um estar que não se define por uma atividade, mas pela passividade, “como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (Larrosa, 2002). Um estar que se expõe ao encontro e, nesse encontro, se abre para o diálogo, para o pronunciamento da palavra de transformar o mundo. Um estar compromissado com a boniteza dessas gentes – os esfarrapados, esfarrapades e esfarrapadas do mundo – e com a boniteza da luta, da experiência de transformação radical, ancorada em ações responsáveis e pedagogias implicadas em transgredir e expurgar o desencante que assola o mundo.

“Lo que puede el sentimiento no lo ha podido el saber
Ni el más claro proceder, ni el más ancho pensamiento
Todo lo cambia al momento cual mago condescendiente
Nos aleja dulcemente de rencores y violencias
Solo el amor con su ciencia nos vuelve tan inocentes”
(Violeta Parra).

Como canta a poetisa Violeta Parra, não se pode saber o que pode o sentimento. Não é um caminho fácil, porque, como canta outro poeta, o Thiago de Mello, “nascemos de outros e

seguimos junto de outros, sendo, e noutros nos prolongando, construindo o encontro, mudando em movimento, mas sem deixar de ser o mesmo ser que muda, como um rio”.

“(Entender os outros não é uma tarefa que comece nos outros. O início somos sempre nós próprios, a pessoa em que acordámos nesse dia. Entender os outros é tarefa que nunca nos dispensa. Ser os outros é uma ilusão. Quando estamos lá, a ver aquilo que os outros veem, a sentir na pele a aragem que os outros sentem, somos sempre nós próprios, são os nossos olhos, é a nossa pele...)”
(José Luís Peixoto).

Essa trama que vamos tecendo...

... é trama amorosa, de uma extensão que inventa caminhos, que tece redes vinculares...

... é trama de uma extensão comprometida com a liberdade, uma extensão que acontece em colaboração com as gentes que encontramos e dialogamos...

... é trama de uma extensão comprometida com uma pedagogia problematizadora e libertadora, uma pedagogia que risca seus caminhos nas encruzilhadas.

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo. A reflexão que propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem homens, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há consciência antes e um mundo depois e vice-versa (Freire, 2020, p. 98).

Paula é uma extensionista que chegou ao Projeto de Extensão Comunitária Vale do Carangola durante a pandemia e, nesse tempo, caminhou com a gente à deriva pelas ruas e servidões do bairro. As restrições sanitárias adotadas por conta da pandemia de Covid-19 não impediram que ela vivesse a experiência de se comprometer com as gentes que ela encontrava enquanto caminhava. Compromisso de lutar por um mundo mais bonito, ainda que a luta da hora fosse algum jeito de minimizar os efeitos da fome e da ausência de cuidados, que as gentes com quem ela conversava lhes contava. Paula caminhava pelas ruas e servidões do Vale do Carangola e ia recolhendo resíduos, dados marginais que iam se revelando e revelando a face cruel da modernidade. No começo, Paula sentia medos e percebia que esses sentimentos afetavam seu estar e a leitura que fazia do que sentia. Nos encontros com as gentes que moram no vale, foi sendo transformada e, a partir da sintaxe desses medos com outros sentimentos que se revelavam, foi encontrando caminhos e, junto com essas gentes, foram transformando miudezas da vida. Os movimentos de Paula são a expressão dessa substância que vimos nascer nessa experiência, de fazer uma extensão pela escuta, pelo diálogo que cuida, que abraça, que liberta

essas gentes dessa relação de subalternidade que acontece entre a universidade e as gentes com quem ela se relaciona. Paula compartilhou afeto, sentimento, experiência e, desse jeito, interferiu na transformação do mundo. Ela fez uma extensão comprometida com as gentes que encontrou no caminho, compartilhou pensamento, linguagem e o contexto vivido, com intenção de humanizar o ser humano na ação consciente de interferir criticamente na transformação do mundo.

Durante todas as idas ao Vale eu aprendia algo novo e conseguia observar o diálogo dos extensionistas com os moradores, suas expressões e o modo de falar, como a minha primeira visita, me chamou muita atenção como se faz importante escutar. Durante esse tempo conheci pessoas inspiradoras como a Ângela, Tamires e Dona Rita e desenvolvi percepções diferentes sobre a comunidade através da conversa e escuta ativa com os moradores, que vinham querendo compartilhar suas histórias e vivências. Como a Bel comentando sobre seu interesse com materiais para artesanato, até mostrando coisas que tinha feito, ou a Dona Rita me mostrando as flores e plantas que cultivava. Lembro de como eu estava nervosa quando fiz a primeira visita às famílias que eu acompanhava, a Dona Rita e a Zulmira, mas logo quando conheci elas, fui recebida de uma forma tão receptiva e carinhosa que minha ansiedade passou” (Tammela, [*Diário de Sentimentos de Campo* - Relato de Paula, extensionista],, 2020, não publicado).

ideias em des-acabamento¹⁵

[ silêncio] ¹⁶

“Ah, e se não fosse, cada acaso, não tivesse sido, qual é então que teria sido o meu destino seguinte? Coisa vã, que não conforma respostas. Às vezes essa ideia me põe susto”
(Guimarães Rosa).

Ao longo desta narração, não quisemos trazer verdades ou respostas, mas contar sobre essa experiência que vai sendo riscada à deriva... e é assim que nos colocamos no caminho, porque somos sujeitos expostos...

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”,

¹⁵ Inspirado na frase “no descomeço era o verbo”, de uma poesia de Manoel de Barros.

¹⁶ Fermata: é um sinal que na partitura diz para o musicista ou a musicista que ela ou ele podem sustentar a nota ou a pausa por tempo indeterminado, pelo tempo que definirem. Gostei dessa ideia, de dar à leitora e ao leitor a autonomia sobre o tempo do texto. Por isso, trago aqui, fermata com a palavra silêncio, sugerindo que podem/devem sustentar o silêncio pelo tempo que precisarem, antes de seguirem.

com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (Larrosa, 2002, p. 25).

Inspirades pela interpretação de Benjamin sobre o *Angelus Novus*, de Paul Klee¹⁷ – o Anjo da História que observa o progresso como uma tempestade, que, com o rosto voltado para o passado, “vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las” (Benjamin, 1987, p. 226). Olhamos para o passado com os olhos escancarados e o coração desassossegado e observamos a universidade como parte de um modelo de colonizar a vida, que vai largando pelo caminho gentes, experiências e saberes que não servem à seu repertório de mundo.

Recorremos ao Anjo que olha a História, vê o progresso e a miséria, mas também foca nas pessoas e vê possibilidades de mudança. Escolhemos riscar outros caminhos, buscar nosso inédito viável, porque a história é escrita por essas gentes. São gentes, assim como o mundo, inacabados, inconclusos, em constante transformação. É a nossa luta pela humanização, a busca do “ser mais” que Paulo Freire (2020) fala, como condição para a humanização do mundo. Um movimento que nos leva ao silêncio necessário que “combina la razón y el amor, el cuerpo y el corazón”¹⁸, como sugere Fals Borda (2015, p. 10). Um silêncio imerso no cotidiano e comprometido com o “ser mais” de outros.

Observando esse caminhar, inspirado pelo paradigma indiciário de Carlo Ginzburg e dialogando com um referencial teórico-metodológico intencionado a compreender e aprender mais do que explicar e ensinar, vamos construindo um modo de fazer extensão e pesquisa, pesquisa e extensão, nos esforçando para ampliar nossos sentidos, intencionando produzir “pistas, indícios e sinais” (Ginzburg, 1989), aceitando e reconhecendo o valor de estar à deriva na vida e na pesquisa.

Na pesquisa, compreendemos que estar à deriva “não significa poder ir em qualquer direção, mas seguir a direção possível no âmbito das interações efetivamente realizadas” (Esteban, 2003, p. 203), pois ao assumir os estudos com os cotidianos como método de pesquisa, adentramos e

¹⁷ Paul Klee (1879-1940): pintor, desenhista, poeta e professor, que nasceu e cresceu na Suíça, mas de nacionalidade alemã. Seu estilo altamente individual foi influenciado por movimentos artísticos que incluíam expressionismo, cubismo e surrealismo.

¹⁸ “Combina a razão e o amor, o corpo e o coração” (Tradução livre).

atuamos em “território do interstício, do entrelugar, porque o próprio pensamento, a própria existência que se faz pensamento, é produzida no cotidiano” (Souza, 2003, p. 245). Estar no cotidiano das gentes com quem nos comprometemos e encontramos no caminho, é estarmos abertos para o encantamento que acontece, abertos para as histórias dessas gentes que nos afetam e produzem sentido. Como pesquisadores com esse cotidiano, mergulhamos, nos metamorfoseamos e quando o dia finda sua vocação de ter sido mais, somos esse mais que é junto com outres.

Contudo, “é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte. Atenção, tudo é perigoso, tudo é divino, maravilhoso”, nos alerta Gal Costa. A morte, aqui, seria sucumbirmos ao carrego colonial que “opera como um sopro de má sorte que nutre o assombro e a vigência de um projeto de dominação que atinge os diferentes planos da existência do ser” (Simas; Rufino, 2019, p. 21). Somos sujeitas e sujeitos formados nesse modelo de mundo colonial eurocêntrico, masculino, machista, branco, patriarcal e binário e somos tentados, seduzidos a interpretar o que ouvimos e o que vemos, a partir desse modelo. Somos induzidos, conduzidos a interpretar que o conhecimento que acontece na universidade tem mais valia que o conhecimento que acontece fora, nas ruas, nas frestas, nos terreiros, nos sertões, nos cantões, nas encruzilhadas, nas favelas, nas servidões...

O que viemos contar nesta narração é apenas o começo de uma trama (ou o desacabamento dela). A urdidura já está esticada e com fios que fomos apanhando no caminho, começamos a tecer essa trama. Se o caminhar é a nossa forma de apanhar fios e de tecer tramas que libertam... se o caminhar é nossa experiência em uma extensão sentipensante... se o caminhar à deriva para estar no cotidiano das gentes demitidas da vida, das gentes esfarrapadas do mundo, para apanhar pistas e sinais do que e de como fazer um mundo livre das violências, das opressões, das desigualdades e das injustiças, é nosso jeito de fazer extensão... então, caminhar tecendo vínculos e riscando caminhos é preciso...

“De grave, na lei do comum, disse ao senhor quase tudo.
Não crio receio”
(Guimarães Rosa).

referências

ALGAVA, M. **El abrazo caracol**: vínculo, grupo y comunalidad en la educación popular. Buenos Aires: CICCUS, 2022.

BARROS, M. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

BENJAMIN, W. **Walter Benjamin obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOFF, L. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BORDA, O. F. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2015.

BRASIL. **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília, DF, 28 nov. 1968. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 30 dez. 2022.

DICIO. **Dicionário online de Português**. 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/trama/>. Acesso em: 25 dez. 2022.

DUVIVIER, G. O algoritmo gosta do discurso de ódio. [Entrevista concedida a] José Eduardo Bernardes. **Brasil de Fato**, Rio de Janeiro, 21 mar. 2023. Disponível em: <https://podcast.brasildefato.com.br/2023/03/156-o-algoritmo-gosta-do-discurso-de-odio-diz-duvivier-a-informacao-pertence-a-corporacoes/>. Acesso em: 15 maio 2023.

ESTEBAN, M. T. Dilemas para uma pesquisadora com o cotidiano. *In*: GARCIA, R. L. **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 199-212.

FREIRE, A. M. A. **Boniteza**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 73. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GARCIA, R. L. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. *In*: GARCIA, R. L. (org.). **Método, métodos, contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 193-208.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JACQUES, F. V. S. O “buen vivir” e a construção de uma nova sociedade. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 23, n. 3, p. 105-119, 2020. DOI 10.5801/ncn.v23i3.8481. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/8481>. Acesso em: 29 jun. 2023.

KOHAN, W. **Paulo Freire mais do que nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, 2002. DOI 10.1590/S1413-24782002000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

NOGUEIRA, M. D. P. Avaliação da extensão universitária. *In*: NOGUEIRA, M. D. P. (org.). **A construção da extensão universitária no Brasil: trajetória e desafios**. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2013. Disponível em: ufmg.br/proex/renex/images/avaliacao_da_extensao_livro_8.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

PARRA, V. **Volver a los diecisiete**. [Música do Álbum] Las últimas composiciones, São Paulo, 1966. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/14ITHmTquy0hfBpEauf6Go>. Acesso em: 16 out. 2023.

PEIXOTO, J. L. **Em teu ventre**. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

REIS, N. **Pra você guardei o amor**. [Música do Álbum] Drês, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1EQ8sBQ7Abv9DvNBzhXAcv>. Acesso em: 16 out. 2023.

SANTANA, A. bell hooks: uma grande mulher em letras minúsculas. **Mar de Histórias**, [s. l.], 7 de março de 2009. Disponível em: <https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/>. Acesso em: 1 out. 2021.

SANTOS, B. S. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 23, p. 137-202, 2005. Disponível em: https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Univ%20seculo%20XXI_EducacaoSociedadCulturas_2005.pdf. Acesso em: 7 jan. 2023.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SOUZA, M. I. P. Fronteiras do cotidiano. *In*: GARCIA, R. L. (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 245-262.

Submetido em 10 de abril de 2023.

Aprovado em 21 de junho de 2023.